

## OCORRÊNCIA DE *BUMBLEFOOT* EM PINGUINS-DE-MAGALHÃES (*Spheniscus magellanicus*) MANTIDOS EM CATIVEIRO

**OSÓRIO, Luiza da Gama<sup>1</sup>; XAVIER, Melissa Orzeshowski<sup>2</sup>; LADEIRA, Sílvia Regina Leal<sup>3</sup>; SILVA-FILHO, Rodolfo Pinho<sup>4</sup>; MEIRELES, Mário Carlos Araújo<sup>5</sup>**

- 1 – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). luizaosorio@yahoo.com  
2 – Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) melissaxavier@bol.com.br  
3 – Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sladeira@via-rs.net  
4 - Universidade Federal de Pelotas (UFPel) rpsoram@hotmail.com  
5 - Universidade Federal de Pelotas (UFPel) meireles@ufpel.edu.br

### 1 INTRODUÇÃO

*Bumblefoot* ou pododermatite em aves é o termo utilizado para descrever qualquer lesão podal, e se caracteriza por uma síndrome de múltiplas etiologias (RODRIGUEZ-LAINZ et al, 1993; FOWLER & CUBAS, 2001). Em pinguins o principal fator pré-disponente para seu desenvolvimento é o trauma associado ao piso firme do cativeiro, geralmente com posterior contaminação bacteriana (CUBAS & GODOY, 2004).

Uma vez que o Centro de Recuperação de Animais Marinhos (CRAM) de Rio Grande recebe rotineiramente pinguins para reabilitação, e o *bumblefoot* tem grande importância nessas aves em cativeiro, o estudo objetivou verificar a presença de lesões podais em 28 pinguins-de-magalhães mantidos em cativeiro no CRAM e classificá-las quanto à gravidade conforme avaliações clínicas.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado exame clínico para avaliar lesões podais em 28 pinguins-de-magalhães em cativeiro externo no CRAM. Os animais permaneciam em piso firme higienizado uma vez ao dia para retirada de matéria orgânica e tinham acesso à piscina.

Para classificar a enfermidade utilizou-se a avaliação clínica das lesões podais, segundo Cooper (2002). Todos os pinguins foram cadastrados e divididos em dois grupos, com pododermatite (G1) e sem pododermatite (G2). A avaliação clínica das lesões para classificação quanto ao grau de severidade consistiu na observação das lesões e sinais clínicos. Os animais com lesão localizada e sem presença de cáseo foram classificados em grau um, as lesões degenerativas com

presença de dor foram classificadas em grau dois, e as lesões mais severas, com claudicação significativa e comprometimento articular, em grau três.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 28 pinguins avaliados em 2006, 26 (92,9%) apresentam pododermatite em algum grau, pertencendo ao G1. De fato, a alteração é considerada uma das doenças mais comuns em pinguins de cativeiro (CLARKE & KERRY, 1993; FOWLER & CUBAS, 2001). Todas as aves apresentaram lesões nos dois membros, com diferentes graus entre os membros em 50% dos animais. Estudos comprovam que, sendo a doença de curso progressivo, quando uma pata é afetada a outra sofre sobrecarga de peso (COOPER, 2002) o que explica os diferentes graus de lesão, uma vez que o primeiro membro afetado apresenta a lesão mais evoluída (CUBAS & GODOY, 2004).

Dos treze pinguins (50%) cujas lesões tinham mesmo grau de evolução em ambos os membros, sete (53,8%) apresentavam lesões de grau um, seis (46,2%) apresentavam lesões de grau dois e nenhum animal foi diagnosticado com o grau três de pododermatite. Ao todo, a maior ocorrência foi de lesões de grau um, seguida das lesões de graus dois e três, correspondendo a 48,1%, 44,2% e 7,7% respectivamente.

Dentre os pinguins com graus dois e três em pelo menos um dos membros, estavam animais provenientes do Zoológico de Niterói, com tempo indeterminado de cativeiro anterior ao CRAM, e um pinguim com 159 dias de cativeiro no CRAM. A literatura descreve o *bumblefoot* como doença de alta morbidade em aves em cativeiro, e relaciona o maior tempo de cativeiro com a maior probabilidade de ocorrência de lesão (CUBAS & GODOY, 2004). Os únicos animais cadastrados como G2 (7,1%) eram os que se encontravam há menos de 14 dias no CRAM.

### 4 CONCLUSÕES

O estudo comprova que o *bumblefoot* é uma doença de alta morbidade em pinguins mantidos em cativeiro, e confirma a importância desta alteração como um desafio na reabilitação destas aves. Através da análise clínica de animais com tempo conhecido de cativeiro pôde-se também confirmar a influência desta condição no aparecimento e desenvolvimento da doença.

## 5 REFERÊNCIAS

CLARKE, J.; KERRY, K. R., Diseases and Parasites of penguins. **Korean Journal of Polar Research**, v. 4 (2) p. 79-96, 1993

COOPER, John E. **Birds of Prey: Health and disease**. Ed. Blackwell, 2002. 345p.

CUBAS, Z. S.; GODOY, S. N., Algumas doenças de aves ornamentais, 2004.

Disponível em:

<http://canarilalmada.com/download/download/Dossierdedoenças.pdf>. Acesso em 01-12- 2009.

DIEBOLD, E.; N.; BRANCH, S.; HENRY, L. Management of penguin populations in north American zoos and aquariums. **Marine Ornithology**, v. 27, p.171-176, 1999.

FOWLER, M.; E.; CUBAS, Z.; S.. **Biology, Medicine and Surgery of South American Wild Animals**, 1 ed. USA: 2001.

RODRIGUEZ-LAINZ, A.; J.; HIRD, D.; W.; KASS, P.; H.; BROOKS, D.; L. Incidence and risk factors for bumblefoot (pododermatitis) in rehabilitated raptors.

**Preventive Veterinary Medicine**, v. 31, p. 175-184, agosto, 1997.

Agradecimentos:

CRAM – FURG

CNPq

CAPES